

Ubuntu e Quilombismo na práxis de Leci Brandão

RESUMO

Janaína Souza de Queiroz
E-mail: jana.sq@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Nanci Stancki da Luz
E-mail: nancist@terra.com.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Este artigo apresenta resultados parciais de uma dissertação de mestrado que analisa a presença dos princípios do ubuntu e do quilombismo na música de Leci Brandão. A partir da indagação “Em que sentido o ubuntuísmo e o quilombismo unificam a práxis de Leci Brandão e se manifestam na sua composição Zé do Carço?” foi realizada uma pesquisa bibliográfica para resgatar os conceitos de ubuntu, sua conexão com o quilombismo e, dessa forma, analisar a presença desses conceitos na diáspora negro-africana no Brasil, a partir da análise da letra de uma composição de Leci Brandão: Zé do Carço.

PALAVRAS-CHAVE: Leci Brandão. Samba. Quilombismo. Ubuntu.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tematiza a mulher negra e a música, a partir da discussão de valores negro-africanos em uma composição de Leci Brandão, buscando evidenciar o protagonismo da mulher negra na música, historicamente negado, a partir de um contexto social e histórico marcadamente racista que silenciou, apagou e marginalizou o trabalho de musicistas, compositoras, produtoras musicais/culturais e outras artistas negras.

A agência e a autodeterminação das mulheres negras, no entanto, desafiaram essa realidade e preservaram manifestações culturais tradicionais (candomblé e samba de roda, por exemplo), ocuparam espaços tradicionalmente eurocêntricos (música de concerto, por exemplo) e se fizeram presentes na grande mídia e em plataformas e cenas culturais independentes.

Essa ocupação de espaços é resultado da organização e luta da população negra que desafiou a hierarquia e a subordinação das mulheres negras, transformando a realidade social e incorporando valores negro-africanos à cultura artística.

Nessa perspectiva, questionamos se o ubuntuísmo e o quilombismo unificam a práxis de Leci Brandão e se manifestam na sua composição Zé do Carço. Para responder a essa questão, este artigo analisa a letra dessa composição, buscando evidenciar a presença dos princípios do ubuntu/quilombismo na arte e vida dessa compositora e militante negra.

QUILOMBISMO: UMA EXPRESSÃO DO UBUNTU NO BRASIL

Ao acessar os escritos referentes ao ubuntu, encontra-se explicações etimológicas que remetem a idiomas africanos. Para o filósofo sul africano Mogobe Ramose (1999), ubuntu além de ser uma cosmovisão, um modo de ser da África, uma base da filosofia africana, é o que ancora a existência do africano no universo, pois a árvore de conhecimento africano deriva do ubuntu com o qual é conectado indivisivelmente.

A definição de ubuntu, por sua vez, remonta a idiomas banto, podendo ser associado ao amor à sabedoria:

Ubuntu é um termo que se encontra em várias línguas banto. Trata-se de duas palavras em uma, a saber: “ubu” e “ntu” no grupo nguni de línguas; botho, “bo” e “tho”, no grupo sotho de línguas; e hunhu, “hu” e “nhu” em xona. É um conceito filosófico no sentido comum da filosofia como amor à sabedoria. Mas é também um conceito filosófico no sentido estreito da filosofia como disciplina acadêmica. Nesta última acepção, o ubuntu tem três sentidos inter-relacionados básicos: como uma 1) ontologia, 2) epistemologia e 3) ética. (RAMOSE, 2010, p. 8).

Enquanto filosofia africana, os conteúdos do ubuntu desdobram-se, principalmente, na ética, na ontologia e na epistemologia. No que se refere ao princípio geral do Ubuntu, costuma-se ressaltar o provérbio, criado pelo povo zulu: “‘Umuntu ngumuntu ngabantu’, ou seja, “a pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”. (KASHINDI, 2017).

Nesse sentido, enfatiza-se a comunidade como razão de ser de cada pessoa, o que implica na necessidade de cada um agir na intenção de promover o bem-estar de seus coetâneos. A comunidade ubuntu é constituída pelas pessoas de três gerações: os ancestrais (falecidos), as pessoas presentes e as crianças que ainda não nasceram. Além disso, a comunidade inclui também o meio ambiente e tudo o que o habita, incluindo os seres sagrados e a divindade.

A convivência das pessoas da comunidade exige a prática permanente de atitudes de solidariedade, bondade, fidelidade, justiça, misericórdia, benevolência para com as pessoas e com os animais; exige ainda o reconhecimento do outro e o cuidado com a fauna e a flora; pessoas de todas as idades são consideradas radicalmente importantes na constituição da comunidade. Por isso, o ubuntu, segundo Dalene Swanson (2010), pode ser considerado como fator de fraternidade entre os povos.

A África do Sul, na década de 1990, recorreu a esses valores para salvar o país de um grande massacre decorrente de mágoas e ressentimentos produzidos pelo regime do *apartheid*, naquele momento, em processo de extinção formal:

o Arcebispo Emérito Desmond Tutu, que propôs uma “terceira via” para sair do dilema de aplicar uma justiça reparadora e restaurativa tanto para as vítimas quanto para os perpetradores do Apartheid. Nesta proposta – que está em seu livro “No Future Without Forgiveness” (Não há futuro sem perdão) – Tutu mostra que a terceira via se encontra entre a “justiça vingativa”, que simbolicamente nomeia como “Nuremberg”, e a “amnésia” (perda ou fraqueza da memória), que considera como “anistia condicionada”. O Prêmio Nobel da Paz justifica sua proposta com o argumento de que ela é uma característica central da cosmovisão africana que, nas línguas do grupo nguni, é conhecida como ubuntu e, nas línguas soto (ou sutu), como botho. (KASHINDI, 2017, p. 6-7, grifos do autor).

Vale ressaltar que a filosofia e a ética do ubuntu podem ser encontradas em toda a África subsaariana, embora com nomes diferentes, podendo ser associado também a aspectos morais:

Não agradecer pelo dom equivale a não ser muntu ou sê-lo menos, isto é, ser uma pessoa má. Ao invés disso, agradecer significa ser muntu ou sê-lo mais, ou seja, ser uma boa pessoa. Cabe assinalar que esse aspecto moral ligado ao muntu encontra-se em toda a África subsaariana. Em muitas partes do território de língua Swahili, por exemplo, é comum ouvir as pessoas dizerem: “mama yule ni mtu!” (essa senhora é uma pessoa!) ou, inclusive, “mzungu yule ni mtu!” (esse homem branco ou essa mulher branca é uma pessoa!), indicando que são pessoas boas ou pessoas de bom coração. Em contrapartida, se alguém é cruel ou avarento, as pessoas dirão: “bwana yule si mtu hata!” (esse senhor não é uma pessoa, de maneira nenhuma!), o que equivale a dizer que é uma pessoa ruim, uma pessoa a ser evitada. (KASHINDI, 2017, p. 12)

No que se refere à construção material e simbólica do Brasil, deve-se destacar a importante contribuição dos modos de ser dos povos negros africanos. Existe

uma relação umbilical entre Brasil e África e na qual metade da população brasileira tem antepassados trazidos da África:

Um comércio sistemático que, com períodos de maior ou menor intensidade, durante três séculos, ligou dois mundos na formação de um complexo produtor de açúcar em uma margem com a mão-de-obra fornecida pela outra margem deste 'Rio chamado Atlântico'. Ao transportar pessoas, esse comércio colocava em circulação suas crenças, valores, hábitos, formas de ser, de pensar e agir, enfim, colocava em contato suas variadas culturas. O Brasil de hoje é fruto dos confrontos e das trocas provocados por esse contato. (CARVALHO, 2014, p. 86, grifos de quem?).

Assim, a filosofia e a ética ubuntu chegam ao Brasil, a partir de um contexto de escravidão e se identifica com solidariedade e resistência do povo negro:

É preciso voltar à história para capturar as manifestações do ubuntu em suas diásporas transatlânticas. No Brasil, a noção do ubuntu chega com os escravizados africanos a partir do século XVI. Estes trouxeram a sua cultura nos seus corpos, e ela foi reinventada a partir do novo contexto da escravidão. Por isso, falar de ubuntu no Brasil é falar de solidariedade e resistência. Como outros registros histórico-antropológicos que expressam o 'ubuntu afro-brasileiro', podemos citar os quilombos, as religiões afro-brasileiras, irmandades negras, movimentos negros, congadas, moçambique, imprensas negras. (MALOMALO, 2010, p. 20, grifos de quem?).

A experiência do povo negro em comunidades quilombolas, durante o escravismo brasileiro, pode ser interpretada, conforme Abdias Nascimento (1980, p. 263), como potencializadora de uma sociedade justa e igualitária para o povo negro:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa do progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico. Os precedentes históricos conhecidos confirmam essa colocação.

Desde os primeiros tempos, os grupos de escravizados que resistiram e optaram pelas fugas, a partir das quais estruturaram comunidades livres pelo interior da colônia, embora não dispusessem de um projeto racionalmente delineado, na busca pela sobrevivência e liberdade, evidenciava-se a recusa ao sistema escravista e o fortalecimento da resistência e da solidariedade:

Aparentemente um acidente esporádico no começo, logo [os quilombos] se transformaram de uma improvisação de emergência em metódica e constante vivência dos descendentes de africanos que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista. (NASCIMENTO, 1980, p. 255).

O quilombismo facilitou a defesa da vida e a continuidade africana, destacando-se como forma de resistência física e cultural em uma conjuntura

marcada por perseguições e ataques ao povo negro, assim como esteve presente em outras formas de organização:

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, freqüentemente (sic) com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. [...] Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. (NASCIMENTO, 1980, p. 255).

Podemos verificar que o autor apresenta uma práxis comunitária na qual se evidencia fundamentos culturais consistentes e orientados para a realização humana na liberdade. A experiência histórica dos quilombos no Brasil deixou um lastro na cultura do povo negro que se fortaleceu no pós-escravidão e marcou a arte produzida pelas mulheres negras.

A perspectiva quilombista da arte contempla a valorização de múltiplas formas de expressão estética, unificando-as sob o pressuposto comum do sagrado, em sintonia com a cosmovisão africana do ubuntu:

Todos aqueles criadores de arte afro-brasileira sabem mais pela prática do que pela reflexão ou pelo exame intelectual que a sua arte está integralmente fundida ao culto, e dissociá-la do contexto religioso, onde ela tem origem, seria o mesmo que tentar elaborá-la do vazio e do nada. Ao evocar o culto estou me referindo a todo o espectro ritualístico das culturas africanas no Brasil, e não a qualquer um restrito e singular ato ritual visto na intimidade do pegi (templo). Quem observa a presença tão viva e profunda da religião africana no país, rápida e facilmente verifica a importância da sua influência sobre a arte brasileira, de um modo geral. Sem embargo, o ponto que desejo ferir é aquele referente ao potencial imensurável que a persistência dos valores africanos em cultura e religião significa para o desenvolvimento do patrimônio espiritual e criativo do povo brasileiro. (NASCIMENTO, 1980, p. 83).

Essa arte não se associa ao consumismo e à alienação, mas ao imaginário da libertação e da emancipação humana e está presente em uma sociedade que traz a intencionalidade da justiça e da superação das hierarquizações. Essa arte tem um papel de transformação da consciência e das condições de vida, sendo, portanto, crítica.

LECI BRANDÃO: MODOS DE SER UBUNTUÍSTA E QUILOMBISTA

O espírito que anima a arte quilombista ganha rosto e voz em inúmeras artistas negras, dentre as quais, destacamos Leci Brandão pelo seu compromisso com a arte plena de criticidade.

Leci Brandão da Silva é compositora, cantora, intérprete, atriz, comentarista de carnaval e deputada estadual pelo estado de São Paulo (eleita em 2010 e reeleita para o mesmo cargo em 2014).

Ela nasceu no bairro de Madureira, na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1944. Sua mãe, Leci de Assumpção Brandão, era servente e zeladora de escola pública; seu pai, Antônio Francisco da Silva, era funcionário público administrativo no Hospital Souza Aguiar. Seu Antônio, apreciador de diversos estilos musicais, é considerado por Brandão como sua principal influência musical (SOUSA, 2016).

Durante sua infância, Leci e sua família moraram em diversas escolas nas quais sua mãe trabalhava. Em entrevista à Maura Roth, a compositora contou que começou a cantar ainda criança, enquanto auxiliava a sua mãe no trabalho: “eu sempre cantava quando ajudava a mãe a varrer as salas de aula.” (BRANDÃO, 2011, s.p.).

Aos 11 anos de idade, Brandão participou de um concurso de dissertações, no qual deveria redigir um texto em homenagem ao Equador. Na ocasião, seu trabalho ficou em primeiro lugar, porém ela não recebeu a premiação porque as professoras da escola se recusaram a dar o prêmio à filha negra da servente. (KALIANNY, 2016).

A artista foi estudante do Colégio Dom Pedro II, escola fundada durante o Brasil Império para atender o público das classes mais abastadas. Lá, segundo Kalianny (2016a), sofreu racismo por ser a única aluna negra da sala de aula, recebendo apelidos perversos de seus colegas.

Foi operária, tendo exercido várias funções em diversas empresas. Quando foi funcionária da Faculdade Gama Filho, na década de 1970, teve contato com festivais de canção, dos quais começou a participar e foi classificada em segundo lugar em um deles.

Em 1971, a artista foi até a Escola de Samba Mangueira para conhecer a Ala de Compositores da Escola, a convite de Zé Branco, um conhecido da madrinha de Leci que era membro da escola. Vale destacar que a compositora antes de adentrar a Ala de Compositores, já tinha vínculos com a Mangueira, pois sua avó era da Ala das Baianas e também pastora da escola.

Durante a escolha do repertório de seu primeiro compacto simples, lançado em 1974 (Gravadora Polydor), Leci Brandão teve uma música censurada pelo DOPS (Departamento de Ordem Pública e Social): *O ministério da economia*¹, de Geraldo Pereira, cuja letra ironizava a situação econômica do país. (FILGUEIRAS, 2017).

Além dessa música, a artista, em 1976, teve censura da música, de sua autoria, *Vamos ao teatro?*², cuja letra faz um convite à reflexão da situação política, a partir da utilização do teatro como uma metáfora do que acontecia na realidade brasileira naquele momento.

Após alguns anos de contrato com a Gravadora Polydor, Leci Brandão sentiu sua arte desrespeitada e pediu demissão:

fiz uma carta de demissão, porque eu achei uma falta de respeito com a minha arte. Apresentei várias músicas e recebi o seguinte recado: 'vai pra casa e faz um outro som porque esse som aqui só tem música de protesto e não interessa pra gente.' Eu achei aquilo um horror [...]. (BRANDÃO, 2016b, 4min54s).

Brandão permaneceu cinco anos sem contrato com gravadora, período que se aproximou mais dos movimentos sociais:

As pessoas batiam no ombro e diziam assim: 'para de falar em protesto, não sei o quê, canta outra coisa' [...]. O povo de São Paulo, especialmente o povo negro, o movimento negro de São Paulo, tinha um olhar diante da minha música totalmente diferente. Era um olhar de identidade, um olhar de afirmação. [...] Ela tá falando as coisas que a gente gostaria de falar. Comecei a participar de tudo quanto era evento ligado ao movimento negro, aos movimentos sociais, comecei a cantar para as festas de sindicatos, [...], fiz parte de todas as campanhas da época [...]. Eu sempre cantei nos palcos de bandeiras vermelhas e não era filiada a nenhum deles... é que a minha música — a nossa letra, principalmente — ela comungava com as coisas desses partidos. (BRANDÃO, 2016a, 7min08s).

A militância artística de Leci Brandão também foi reconhecida pela comunidade LGBT³. Na abertura de entrevista para o jornal *O Lampião da Esquina* em 1978, seu trabalho é exaltado, graças a sua qualidade artística e as músicas compostas e gravadas por ela dedicadas à discussão da diversidade sexual, tais como *As Pessoas e Eles*⁴, *Ombro Amigo*⁵, e *Chantagem*⁶. Nessa entrevista, Brandão é perguntada se não temia ser encarada de modo diferente por ser mulher, negra e homossexual declarada e responde:

Eu teria medo dos outros se não fosse nada disso e estivesse fazendo um trabalho supérfluo, alguma coisa simulada, se estivesse mentindo para vender disco. Mas como eu estou fazendo verdade dessas três condições, acho que fica tudo bem. (BRANDÃO, 1978, p. 11).

Em 1985, Leci Brandão assinou contrato com a gravadora Copacabana, de São Bernardo do Campo, na qual gravou o disco *Leci Brandão* que contém diversas músicas anteriormente censuradas, tais como *Deixa Deixa* e *Zé do Caroço*. Curiosamente, esse disco alcançou enorme sucesso, projetando a artista no cenário nacional e lhe rendendo apresentações por todo o Brasil.

A gravadora Copacabana, contente com o sucesso desse trabalho, solicitou que a artista gravasse um novo trabalho apenas em 1987, o que não era comum na época, pois de modo geral, os artistas de sucesso lançavam novos trabalhos todo ano. Com o lançamento de *Dignidade*, em 1987, a artista conquistou um *disco de ouro*.

A compositora atuou em 1996 e 1997 na novela *Xica da Silva*, exibida pela extinta TV Manchete, interpretando uma líder quilombola chamada Severina.

Merece destaque ainda o trabalho de Leci Brandão, entre 2002 e 2010, como comentarista de carnaval (do Rio de Janeiro e São Paulo) para a TV Globo. Nos seus comentários, a artista dava ênfase à comunidade e exaltava o trabalho de pessoas anônimas, desconhecidas do grande público, mas que eram de grande relevância para o carnaval.

Brandão se afastou da televisão após ter sido eleita deputada estadual em São Paulo, em 2010, com uma votação impressionante de mais de 86.000 votos. A pauta que assumiria na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo daria destaque aos menos favorecidos e aos movimentos sociais:

Peguei os meus LP's, e vi tudo o que eu compus, cantei e tal e falei que pra entrar numa assembleia legislativa, a minha plataforma vai ser tudo [...] que eu cantei, tudo isso aqui que eu briguei. [...] Sempre briguei por religiões de matriz africana, sempre briguei pelo movimento negro, sempre briguei pela juventude, sempre fui a favor dos sindicalistas, sempre fui a favor dos menos favorecidos, então peguei tudo o que eu cantei e falei: a minha pauta vai ter que ser essa daqui. (BRANDÃO, 2016b, 24min43s)

Essa declaração evidenciaria sua militância artística e seu compromisso político com a população negra. Seu gabinete foi apelidado de “Quilombo da Diversidade”, por estar sempre aberto a receber todas as pessoas⁷.

A MÚSICA ZÉ DO CAROÇO

A música Zé do Caroço, de 1985, é um dos grandes sucessos criados por Leci Brandão e que retrata, em sua letra, a atividade militante de Zé do Caroço para mobilizar a comunidade da favela:

No serviço de alto-falante
Do Morro do Pau da Bandeira
Quem avisa é o Zé do Caroço
Amanhã vai fazer alvoroço
Alertando a favela inteira

Ah como eu queria que fosse em Mangueira
Que existisse outro Zé do Caroço
Pra falar de uma vez pra esse moço
Carnaval não é esse colosso
Nossa escola é raiz, é madeira

Mas é o Morro do Pau da Bandeira
De uma Vila Isabel verdadeira

E o Zé do Caroço trabalha
E o Zé do Caroço batalha
E que malha o preço da feira

E na hora que a televisão brasileira
Distrai toda gente com a sua novela
É que o Zé bota a boca no mundo
Ele faz um discurso profundo
Ele quer ver o bem da favela

Está nascendo um novo líder
No morro do Pau da Bandeira
Está nascendo um novo líder
No morro do Pau da Bandeira
No morro do Pau da Bandeira

No morro do Pau da Bandeira
No morro do Pau da Bandeira
No morro do Pau da Bandeira

Esta música surgiu a partir da história de Zé do Caroço, pessoa que mantinha um serviço de alto-falantes no Morro do Pau da Bandeira, em Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro. Esse homem utilizava o serviço de alto-falante para mobilizar a comunidade da favela a respeito de assuntos do interesse dos próprios moradores. Havia, todavia, uma denúncia do trabalho do Zé do Caroço e que objetivava eliminar sua intervenção comunicativa pelo fato de que ele operava o alto-falante durante os horários das novelas.

A compositora soube dessa história por intermédio de um amigo e, em um determinado dia, quando dirigia pela cidade do Rio de Janeiro, recebeu a inspiração da letra e melodia. Em entrevista, Leci afirmou que sua inspiração viera diretamente de Deus.

José Mendes da Silva, o Zé do Caroço, chegou Morro do Pau da Bandeira em 1958. Adquiriu uma casa, na qual o filho conduziu a equipe da produção do vídeo. Naquela casa, Zé criou quatro meninos e uma menina. Por ser portador de gota, uma artrite causada pela acumulação de ácido úrico no sangue e que causa acumulação nas articulações (mãos, braços, pernas e pés) com aparência de caroços, era aposentado. Devido aos “caroços” que tinha em suas juntas recebeu o apelido de Zé do Caroço pela comunidade.

Em 2011, André Miranda e Juliana Araújo lançaram o documentário sobre Zé do Caroço – *A Voz do Pau da Bandeira*. Durante sua gravação, a equipe de

produção percorreu a favela do Morro do Pau da Bandeira, acompanhados de um dos filhos de Zé do Caroço, dialogando com moradores da favela com objetivo de recuperar a memória da intervenção comunitária do comunicador.

As ações de Zé do Caroço junto à comunidade do Morro do Pau da Bandeira poderiam se aproximar dos princípios de ubuntu e do quilombismo?

Sim. A música que retrata as ações desse comunicador reafirma valores em uma perspectiva de origem africana e pode ser associada a esses princípios.

Brandão abre o samba apresentando o personagem Zé do Caroço e seu alto-falante⁸ fazendo comunicação com a sua comunidade. Fica evidente que Zé do Caroço era um integrante ativo de sua comunidade e assim, podemos inferir que o princípio ubuntu/quilombista estava presente na sua participação comunitária e na sua preocupação com os problemas de sua comunidade.

As ações do comunicador, de alguma forma contribuía para a solução dos problemas da comunidade e definia sua humanidade a partir da humanidade para com os outros, desvelando seu espírito de solidariedade e fraternidade, essência do comportamento ubuntuísta:

Diferentemente da filosofia ocidental derivada do racionalismo iluminista, o ubuntu não coloca o indivíduo no centro de uma concepção de ser humano. Este é todo o sentido do ubuntu e do humanismo africano. A pessoa só é humana por meio de sua pertença a um coletivo humano; a humanidade de uma pessoa é definida por meio de sua humanidade para com os outros; uma pessoa existe por meio da existência dos outros em relação inextricável consigo mesma, mas o valor de sua humanidade está diretamente relacionado à forma como ela apoia ativamente a humanidade e a dignidade dos outros; a humanidade de uma pessoa é definida por seu compromisso ético com sua irmã e seu irmão. (SWANSON, 2010, p. 11).

Vinculada ao sentimento de pertença a uma comunidade humana, princípio fundador da humanidade africana, está situada a atitude necessária para que cada pessoa responda positivamente aos compromissos com a comunidade. Nesse aspecto, é notável a *prontidão ante a dor alheia* do Zé do Caroço, que estava atento ao sofrimento dos membros de sua comunidade.

No contexto quilombista/ubuntuísta, torna-se necessário que cada participante da comunidade esteja pronto a oferecer sua contribuição para o bem coletivo. Isto significa que a pessoa deve estar atenta para prestar solidariedade diante da incompletude de seus vizinhos e parentes, solidariedade e apoio que também receberá no momento que necessitar.

Por princípio, essa solidariedade é altruísta, centrada no princípio da dádiva e que supere a solidariedade comercial. O que se tem é o engajamento concreto no cumprimento dos princípios espirituais que alimentam os modos de ser da comunidade. É possível conjecturar que as ações solidárias do Zé do Caroço eram alimentadas por esses princípios, mesmo que ele não tivesse consciência dessa vinculação.

Na composição, Leci faz uma prece e demonstra comoção, revelando sua ânsia por uma liderança comunitária engajada em seu lugar de pertença – Mangueira: “Ah como eu queria que fosse em Mangueira/ Que existisse outro Zé do Caroço”. Essa prece revelaria alguma aflição da compositora? Nos versos

seguintes, ela expressa a sua preocupação com os rumos da comunidade/escola de samba de Mangueira e com a interferência dos aspectos mercadológicos do carnaval – “Pra falar de uma vez pra esse moço/Carnaval não é esse colosso”.

O verso "Nossa escola é raiz, é madeira", evoca versos de outro samba, “Madeira de dar em doido é jequitibá/ Deixa a mangueira passar” (*Jequitibá*⁹, de José Ramos). Essa composição exalta as qualidades de sua escola, ao declarar que “Mangueira é uma floresta de sambista/ Onde o jequitibá nasceu/ Veio o fogo e queimou/ Veio o vento e tombou/ O machado, o jequitibá ficou/ Ô ô ô ô, o jequitibá do samba chegou”.

O compositor José Ramos compara a longevidade milenar, as grandes dimensões e a imensa resistência das árvores chamadas jequitibás com a perseverança da Estação Primeira de Mangueira, atribuindo à escola um caráter ancestral, sagrado.

Em versos, Brandão lamenta que o líder comunitário Zé do Carçoço não fosse de sua comunidade, exaltando sua atuação e ressaltando o uso de alto-falante para auxiliar a comunidade. A atuação de Zé do Carçoço justamente no horário de transmissão de telenovelas em rede nacional é ressaltada pela artista, revelando criticidade em relação à realidade de alienação da população a partir da grande mídia.

Há uma aproximação da experiência de Zé do Carçoço com a criticidade na fidelidade, um dos sentidos da filosofia e ética ubuntu e quilombista. Esse conceito corresponde à capacidade de ver, julgar e intervir no mundo a partir da exigência radical do respeito à presença imortal dos ancestrais e à sua memória, assim como aos coetâneos do presente e ao compromisso com as gerações que nos sucederão. A criticidade na fidelidade não abre mão da defesa da vida, portanto, atuará em sua defesa, proteção e fomento.

Zé do Carçoço “bota a boca no mundo” para o bem da favela e faz isso, na hora em que a população está sendo distraída. Tal ação em defesa da vida e da comunidade revela um compromisso com as futuras gerações que, a partir das mudanças na comunidade, poderão usufruir de um mundo melhor.

E, por fim, Brandão conclui que está nascendo um novo líder, exaltando Zé do Carçoço e saudando o espírito ubuntu e quilombista de intervenção e desprendimento corajoso que age para proporcionar o bem à sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da música *Zé do Carçoço*, identifica-se uma sintonia entre os princípios da filosofia e ética ubuntu e de sua expressão brasileira quilombismo na obra de Leci Brandão.

A vida da compositora, expressa em sua arte, configura uma feição e uma voz desses princípios culturais africanos e da diáspora negro-africana no Brasil. Sua arte materializa um compromisso com o povo negro e com a luta pela sua libertação. Sua música respeita a história do povo negro, história na qual ela se insere existencialmente.

A música *Zé do Carçoço* explicita o reconhecimento da diáspora negro-africana do Morro do Pau da Bandeira, os valores existenciais negro-africanos e os

princípios do ubuntu e do quilombismo presentes na comunidade e nas ações de Zé do Carço com o seu serviço de alto-falante.

Ubuntu and Quilombismo in the praxis of Leci Brandão

ABSTRACT

This article presents partial results of a master's dissertation that analyzes the presence of the principles of ubuntu and quilombism in Leci Brandão's music. Based on the question "In what sense do ubuntuism and quilombism unify the praxis of Leci Brandão and manifest themselves in his composition Zé do Carçoço? Thus, to analyze the presence of these concepts in the black African diaspora in Brazil, from the analysis of the lyrics of a composition by Leci Brandão: Zé do Carçoço.

KEYWORDS: Leci Brandão. Samba. Quilombismo. Ubuntu.

Ubuntu y Quilombismo en la praxis de Leci Brandão

RESUMEN

Este artículo presenta resultados parciales de una disertación de maestría que analiza la presencia de los principios de ubuntu y quilombismo en la música de Leci Brandão. Basado en la pregunta "¿En qué sentido el ubuntuismo y el quilombismo unifican la praxis de Leci Brandão y se manifiestan en su composición Zé do Carçoço? Por lo tanto, para analizar la presencia de estos conceptos en la diáspora africana negra en Brasil, a partir del análisis de la letra de una composición de Leci Brandão: Zé do Carçoço.

PALABRAS CLAVE: Leci Brandão. Samba. Quilombismo. Ubuntu.

NOTAS

¹ Os versos de Geraldo Pereira, que Leci pretendia registrar, diziam: “Seu presidente, Sua Excelência mostrou que é de fato/ Agora tudo vai ficar barato/ Agora o pobre já pode comer/ Seu Presidente, pois era isso que o povo queria/ O Ministério da Economia parece que vai resolver/ Seu Presidente, graças a Deus não vou comer mais gato/ Carne de vaca no açougue é mato/ com meu amor eu já posso viver”. (FILGUEIRAS, 2017)

² Os versos da música diziam “Vamos acertar os ponteiros, marcando hora do canto geral/ Vamos acertar os ponteiros, fazendo de conta que é Carnaval/ vamos resolver o problema, no teatro, no cinema, no trabalho e na escola/ Mas tudo tem de ser acompanhado/ Por um surdo ritmado/ um pandeiro e uma viola”. (FILGUEIRAS, 2017)

³ LGBT: acrônimo para se referir às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros. Entre as variantes inclui-se atualmente LGBTQ (incluindo *queer*), LGBTI (incluindo intersexos), LGBTQ+, etc.

⁴ *As Pessoas e Eles* foi gravada no álbum *Questão de Gosto*, de 1976.

⁵ *Ombro Amigo* faz parte do álbum *Coisas do Meu Pessoal*, de 1977.

⁶ *Chantagem* integra o álbum *Essa Tal Criatura*, de 1980.

⁷ Disponível em: <<http://deputadalecibrandao.com.br/pdf/bio.pdf>>. Acessado em 25 jul. 2017.

⁸ Dessa atividade nasceu uma rádio comunitária.

⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yvxqYa1WUjs>>. Acessado em 15 jun. 2017.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

BRANDÃO, Leci. A música popular entendida de dona Lecy Brandão: depoimento. [novembro, 1978]. Rio de Janeiro: **Lampião da Esquina**. Entrevista concedida a José Fernando Bastos, Antônio Chrysóstomo e Maurício Domingues. p. 10 – 11.

BRANDÃO, Leci. Leci Brandão. Zé do Carçoço. In: Brandão, Leci. **Leci Brandão**. São Bernardo do Campo: Copacabana, 1985. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

BRANDÃO, Leci. Maura Roth entrevista Leci Brandão: depoimento. [16 novembro 2011]. São Paulo: **Programa Saladanet**. Entrevista concedida a Maura Roth. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nW4soLk-8a4&t=600s>>.

BRANDÃO, Leci. **Leci Brandão Entrevista**: depoimento. [5 fevereiro 2016a]. São Paulo: TV Vermelho. Entrevista concedida a Railídia Carvalho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U4yK48WHS6w&list=PL2dvNOfo3fVHrfCMgJGRiqXmF-xoWDJNt>>. Acesso em 15jul2017.

BRANDÃO, Leci. Suburbano Entrevista Leci Brandão: depoimento. [31 novembro 2016b]. São Paulo: **Suburbano Convicto Produções**. Entrevista concedida a

Alessandro Buzo. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=MhU07qJRpLw&t=269s>>. Acesso em 01jul2017.

CARVALHO, Juvenal Conceição de. África: histórias e culturas. In. SANTIAGO, Ana Rita; RIBEIRO, Denize de Almeida, et. al. (orgs.). **Tranças e redes: tessituras sobre África e Brasil**. Cruz das Almas, BA, Ed. UFRB, 2014.

FILGUEIRAS, Mariana. Documentos da censura revelam letras originais de Martinho da Vila, Leci Brandão e Nei Lopes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27mar2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/documentos-da-censura-revelam-letras-originais-de-martinho-da-vila-leci-brandao-nei-lobes-21117076>>. Acesso em 15jul2017.

KASHINDI, Jean-Bosco Kakozi. *Ubuntu* como ética africana, humanista e inclusiva. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 15, n. 254, 2017.

MALOMALO, Bas'Illele. "Eu só existo porque nós existimos": a ética Ubuntu: depoimento. São Leopoldo: **IHU Online**, ed. 486, 2016. Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. p. 19 – 22.

MIRANDA, André; ARAÚJO, Juliana. **A Voz do Pau da Bandeira**. Direção: André Miranda e Juliana Araújo. Rio de Janeiro: independente, 2011. Web-vídeo, 18min22s. Cor. Som. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-pLmqbsRH-M>>. Acesso em 20jun2017.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1980.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração e Programa de Ação adotados na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**. Disponível em: <<https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20adotado%20pela%20Terceira%20Confer%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20contra%20o%20Racismo,%20Discrimina%C3%A7%C3%A3o%20Racial,%20Xenofobia%20e%20Formas%20Conexas%20de%20Intoler%C3%A2ncia.pdf>>. Acesso em 20jul2017.

RAMOSE, Magobe B. A importância vital do "Nós": depoimento. [6 de dezembro, 2010]. Tradução de Luis Marcos Sander. São Leopoldo: **IHU Online**, ed. 353, 2010. p. 8 – 10. Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto.

RAMOSE, Mogobe B.. **A filosofia do ubuntu e o ubuntu como filosofia**. Tradução de Arnaldo Vasconcellos. Disponível em: <<http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/texto16.pdf>>. Acesso em 01jul2017.

SOUSA, Fernanda Kalianny Martins. **"A filha da Dona Lecy"**: estudo da trajetória de Leci Brandão. 2016. 180f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SWANSON, Dalene. Ubuntu, uma “alternativa ecopolítica” à globalização econômica neoliberal: depoimento. [6 de dezembro, 2010]. Tradução de Luis Marcos Sander. São Leopoldo: **IHU Online**, ed. 353, 2010. p. 10 – 13. Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto.

WIKIPÉDIA. **Xica da Silva** (*telenovela*). In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Xica da Silva \(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Xica_da_Silva_(telenovela))>. Acesso em 15 jul. 2017.

Recebido: 31/01/2018.

Aprovado: 10/01/2019.

DOI: 10.3895/cgt.v13n42.7706.

Como citar: QUEIROZ, Janaína Souza de; LUZ, Nanci Stancki da. Ubuntu e Quilombismo na práxis de Leci Brandão. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 13, n. 42, p. 77-91, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Janaína Souza de Queiroz

Rua Estephano Reva, nº 209, casa 03. Santa Felicidade, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

